



ISSN Impresso: 2316-1299

ISSN Eletrônico: 2316-3127

REFLEXÕES SOBRE A EXIBIÇÃO DE IMAGENS DE VIOLÊNCIA NO CIBERESPAÇO

Tainah Morais Lago¹

RESUMO

O presente artigo propõe uma abordagem antropológica da questão da produção e circulação de imagens "reais" (utiliza-se, aqui, o termo "real" no sentido de "não-ficcional") que apresentam cenas de violência física infligida a corpos humanos, tendo como contexto o terreno midiático representado pelas redes sociais, abordado aqui como um espaço de emergência de novas sociabilidades. O grupo social sobre o qual se debruça essa análise é composto por jovens internautas, adotando-se uma noção de juventude que não se limita à faixa etária. Foram produzidas análises relacionadas à questão da construção e percepção da identidade desses indivíduos, a partir de questionamentos relacionados ao significado simbólico da busca e compartilhamento de imagens violentas no espaço cibernético, apropriando-se de noções de corpo, visualidade e juventude coletadas nas pesquisas bibliográficas.

PALAVRAS-CHAVE

Corpo. Violência. Redes sociais. Juventude.

ABSTRACT

This article proposes an anthropological approach to the production and circulation of "real" images (we use here the term "real" in the sense

1. Graduada em Artes Visuais pela Universidade Tiradentes e Mestranda em Antropologia pela universidade Federal de Sergipe. E-mail: tainahmorais.lago@gmail.com

of "non-fiction") that feature scenes of physical violence inflicted on human bodies, having as context the media terrain represented by social networks, discussed here as an emergency room for new sociability. The social group on which leans this analysis consists of young Internet users, adopting a notion of youth is not limited to age group. Analyses were produced related to the issue of construction and perception of the identity of these individuals, from questions related to the symbolic significance of search and sharing of violent images in cyberspace, appropriating body notions of visibility and youth gathered in library research.

KEYWORDS

Body. Violence. Social Networks. Youth.

1 INTRODUÇÃO

A produção e circulação de imagens que retratam cenas de violência física no espaço cibernético é uma prática que vem se propagando na sociedade contemporânea. Neste trabalho, pretendo propor uma abordagem antropológica dessas produções imagéticas, por meio da observação e análise da atuação dos sujeitos envolvidos na sua circulação e das relações entre a sociedade e seus mecanismos de veiculação e consumo de imagens de violência. Tal reflexão será feita por meio de discussões relacionadas à apropriação e resignificação cultural de dispositivos audiovisuais de comunicação no terreno midiático representado pelas redes sociais, e aos sentidos de identidade manifestados no grupo juvenil que veicula tais mensagens.

A partir da análise dessas narrativas audiovisuais, é possível compreender códigos envolvidos nas relações entre corpo, morte e espaços virtuais. Partindo da compreensão de que o espaço simbólico no qual se desenvolvem essas práticas – o meio cibernético – é composto de sujeitos, e compreendendo-o ainda como um espaço de emergência de novas sociabilidades,

é possível empreender análises relacionadas à questão da construção e percepção da identidade dos indivíduos que nele circulam.

Inserida nesse contexto, encontra-se uma reflexão sobre os novos mecanismos de produção e veiculação independentes de uma distribuição comercial, caracterizados por uma "circulação nuclear e centrípeta (que irradia de um grupo de amigos para uma rede maior e dali para grupos de amigos que vivem distantes)" (MARCON, 2012, p. 11), e, de forma mais geral, para espectadores ocasionais. Esse tipo de distribuição, por meio de suportes virtuais, não se encerra em fronteiras geográficas ou temporais, fator que atua na amplificação vertiginosa de seu alcance e, simultaneamente, impede qualquer tipo de controle formal de sua circulação e distribuição. Outra característica dominante desse tipo de mecanismo de representação – veiculado a partir de arquivos digitais – é a "marca da efemeridade com que as composições aparecem e desaparecem de circulação" (MARCON, 2012, p. 10).

Quanto à questão da violência, pode-se observar sua inserção na sociedade contemporânea a partir de uma relação aparentemente contraditória entre movimentos de atração e repulsão. Tal disparidade é percebida, de forma mais clara, por meio do enfrentamento de imagens de violência física. Nesse âmbito, pode-se eleger como fator de choque tanto a desigualdade de poder entre o agressor e a vítima, quanto a desestabilização e desconstrução da ordem simbólica hegemônica associada ao corpo.

Dessa forma, imagens que apresentam corpos vítimas de violência provocam discussões relacionadas à instabilidade e à incerteza, e à alternância entre o fascínio e a repulsa diante da desordem, ou do "estranho". De acordo com a percepção de Bauman (APUD MARCON, 2012, p. 5), o diferente não se estabelece, necessariamente, a partir da ideia de oposição, mas sim de noções de desconhecimento e indeterminação, ou impossibilidade de classificação. A seguir, serão desenvolvidas as ideias até então introduzidas, partindo das noções sobre corpo e imagens mediadas.

2 VIOLÊNCIA E IMAGENS MEDIADAS

O papel desempenhado pelas redes sociais exerce importante influência nas configurações das relações interpessoais e nas vivências identitárias dos indivíduos. Um dos aspectos atribuídos aos estudos de recepção na internet, apontado por Gogo e Brignol (2011), é a questão da interatividade. Segundo esses autores, percebe-se um deslocamento das pesquisas latino-americanas sobre recepção, do viés do consumo e leitura dos meios, em direção a uma abordagem mais centrada em interações de empoderamento e apropriação das mídias, nas quais se vê o receptor como protagonista dos fluxos informacionais (GOGO; BRIGNOL, 2011, p. 76).

O termo *rede* está impregnado nos mais variados âmbitos da sociedade contemporânea, configurando-se como lógica de organização social, "caracterizando-se pela geração, processamento e transmissão da informação como fontes fundamentais de produtividade e poder" (CASTELLS APUD GOGO; BRIGNOL, 2011, p. 79). A análise de aspectos da sociedade em rede, proposta desta pesquisa, pode revelar estratégias de interações e intercâmbios sociais, que atuam em constante movimento. "As redes manifestam uma forma de estar junto, de conectar-se e formar laços, ao mesmo tempo em que podem implicar em um modo de participação social cuja dinâmica conduza ou não a mudanças concretas na vida dos sujeitos ou das organizações" (GOGO; BRIGNOL, 2011, p. 80).

Aqui, deteremos o foco nas redes chamadas informais, criadas por demandas subjetivas, nas quais são veiculadas constante ou ocasionalmente imagens de violência. Podem-se citar comunidades, fóruns, blogs como ambientes de sociabilidade nos quais é cada vez mais comum deparar-se com imagens que versam sobre tragédias e momentos de horror de indivíduos anônimos ou famosos. Nas comunidades em formato de blog, é comum encontrar categorias como *acidentes*, *assassinatos*, *cirurgias*, entre outras. Além disso, é comum deparar-se com fotografias ou vídeos desse tipo em redes

pessoais, como o *facebook* e o *whatsapp*, que contam com milhões de usuários ativos.

Como exemplo célebre dessa difusão de imagens chocantes, temos, no Brasil, um caso que ganhou grande repercussão: a divulgação de imagens dos corpos dos integrantes da banda Mamonas Assassinas, mortos em um acidente aéreo no ano de 1996. É suficiente uma pesquisa rápida na internet para deparar-se com comunidades como *mortosfamosos.blogspot.com.br* ou *mortehumana.blogspot.com.br*, para citar apenas as primeiras ocorrências no buscador, exibindo imagens de corpos mutilados e desfigurados sem nenhum tipo de discrição.

É interessante notar, nesse tipo de formato de comunidade, além da exposição das imagens, os comentários dos usuários sobre os posts. Nesse caso específico, observa-se, contraditoriamente ao conteúdo explícito das fotos – nas quais dificilmente se reconhece sequer as feições dos integrantes da banda – frases de lamentação à perda e à morte daqueles retratados, como se ali se tratasse de uma homenagem.

É fato que imagens de violência "reais" – utilizando o termo *real* no sentido de não-ficcional, mas certamente passível de manipulações – figuram no topo das mais vistas e pesquisadas na internet, caracterizando um movimento simultâneo de atração e estranhamento e repulsa. De acordo com a percepção de Bauman (1998), o estranho não se estabelece, necessariamente, a partir da ideia de oposição, mas sim de noções de desconhecimento e indeterminação, ou impossibilidade de classificação. Essa ideia está associada ao conceito de *pureza*, apresentado ainda pelo autor, que remete a uma visão de *ordem*, como explicitado a seguir:

A pureza é uma visão das coisas colocadas em lugares diferentes dos que elas ocupariam, se não fossem levadas a se mudar para outro, impulsionadas, arrastadas ou incitadas; e é uma visão da ordem – isto é, de uma situação em que cada coisa se acha em seu justo lugar e em nenhum outro. Não há nenhum meio de pensar sobre a pureza sem ter uma imagem da "ordem",

sem atribuir às coisas seus lugares que elas não preencheriam “naturalmente”, por sua livre vontade. O oposto da “pureza” – o sujo, o imundo, os “agentes poluidores” – são coisas “fora do lugar”. (BAUMAN, 1998, p.14).

Seguindo essa lógica, as imagens de corpos fragmentados, ou fora de seu estado de saúde e “naturalidade”, viola a noção de pureza, sendo, portanto, algo que causaria incômodo e, ao mesmo tempo, fascinação. O fotojornalista americano Fred Hitchin, porém, atenta, em artigo intitulado *O futuro do fotojornalismo*, para a questão da banalização desse tipo de imagem, oriunda de sua saturação nos dispositivos mediáticos, tratando mais especificamente da fotografia de guerra.

Já o fotógrafo e antropólogo brasileiro Rogério Ferrari atenta que quando os indivíduos em conflito são mostrados em seu cotidiano, ao invés de somente por meio dos momentos de violência, é provável uma identificação maior por parte do espectador. Dessa forma, teorizando sobre a fotografia de guerra, assume-se que é dúbia, podendo tanto assumir um caráter de denúncia e alerta, quanto de naturalização das tragédias – reflexão que estendemos aqui às imagens de violência citadas anteriormente.

Apresentando uma ideia que confronta a noção de banalização da violência por meio das imagens de choque, Philippe Dubois afirma que “se quisermos que o dispositivo funcione bem, são necessárias imagens impressionantes, que escapam do nosso cotidiano” (DUBOIS APUD PERSICHETTI; PONTES, 2014, p. 175). Teorizando a partir dessa lógica, as imagens de violência contribuiriam para deixar latente na consciência a crueldade humana, que os autores apontam como sendo uma “patologia de nossa sociedade” (PERSICHETTI; PONTES, 2014, p. 175).

Para um embasamento mais adequado das questões relacionadas ao significado simbólico da busca por imagens violentas no espaço cibernético, é necessário apontamentos sobre as noções de corpo e visualidade que buscamos investigar, e que serão desenvolvidos a seguir.

3 CORPO E FUNÇÕES SIMBÓLICAS

Hoje o corpo constitui um alter ego, um duplo, um outro si mesmo, mas disponível a todas as modificações, prova radical e modulável da existência pessoal e exibição de uma identidade escolhida provisória ou duravelmente. (LE BRETON, 2009, p. 28).

Para empreender um estudo sobre a violência é necessário compreender qual é o papel do corpo na vida do indivíduo contemporâneo. Le Breton coloca os seguintes questionamentos sobre o tema: haveria se tornado apenas “carne” supérflua, utilizada quando conveniente, mas considerada estorvante e inútil? (LE BRETON, 2009, p. 24). Ou teria assumido a função de acessório, passível de modulação? (LE BRETON, 2009). Como estrutura simbólica fundamental, o corpo fornece dados importantes para a análise dos padrões comportamentais da sociedade contemporânea. Interessa-nos aqui investigar de que forma o fio condutor da relação entre corpo, morte e imagens reprodutíveis atua na afirmação de uma identidade específica.

Num contexto cibernético de “comunicação sem rosto” (LE BRETON, 2009), a “ausência” do corpo seria considerada um fator de facilitação para a fragmentação do indivíduo em múltiplas identidades. Ainda segundo o autor, nas sociedades ocidentais contemporâneas, o estatuto ideal do corpo seria o “do silêncio, da discrição, do apagamento, e até mesmo do escamoteamento ritualizado” (LE BRETON, 2003, p. 192). Em contrapartida a esse fenômeno de ritualização de apagamento do corpo, surge a paradoxal exposição excessiva das atividades corporais no território da Internet.

O espaço virtual é um meio facilitador para a ocorrência de ações performáticas. Le Breton afirma que, no mundo cibernético, “alguns usuários expõem sua existência sem maquiagem aos internautas de passagem, dissolvendo qualquer fronteira entre o público e o particular” (LE BRETON, 2009, p. 147). Nessas

"performances virtuais", o corpo ganha local de destaque, muitas vezes associado a condutas ligadas à violência ou ao sexo.

A circulação da produção visual violenta remete à ideia de voyeurismo, facilitando a satisfação do prazer sádico de presenciar momentos de dor e morte (prazer que pode ser identificado como parte integrante das sociedades desde tempos longínquos). Tais imagens se relacionam com as demais narrativas dos meios de comunicação, contribuindo para a construção das representações contemporâneas de violência (HIKIJ, 2013).

4 CORPO, VIOLÊNCIA E IDENTIDADE

A construção de uma identidade a partir do corpo pode ser comparada a um ato performativo, uma "encenação" (CAMPOS, 2010, p. 125). Inserido nessa performance o corpo pode assumir um local de resistência, ou ainda um aparato de estranhamento e choque. Nas produções videográficas que envolvem violência, encontra-se um formato expressivo que engloba o imediatismo, a fragmentação e a efemeridade característicos da condição contemporânea. A produção e reprodução de ritualidades associadas à experiência da morte (ou que põem em risco a integridade corporal) envolvem mecanismos particulares de representação visual.

Diferentemente das produções "oficiais", as produções caseiras de violência veiculadas no meio virtual são apenas fragmentos, não estão inseridas em nenhum contexto. Apresentam a materialidade da violência, sem justificativas, crucialmente distinta da violência *clean* dos filmes de ação (HIKIJ, 1998, p. 117). Independentemente dessas distinções, todas as narrativas sobre a violência, veiculadas através dos mais diversos meios de comunicação, contribuem para a construção das representações contemporâneas desse tema:

Na contemporaneidade, um dos principais instrumentos de mediação da nossa relação com

o mundo são os meios de comunicação. Experiência cotidiana, a mídia é hoje o parâmetro de condutas, veiculando representações e valores e, no que tange à violência, ensinando o medo. (HIKIJ, 1998, p. 64).

Os mecanismos visuais de representação da violência sobre o corpo estão integralmente comprometidos com a criação de identidades pessoais e coletivas. Dessa forma, se coloca como necessário, neste ponto, o entendimento dos significados que pode assumir o termo *identidade*.

Hall coloca a questão da identidade sob o aspecto do caráter de mudança característico da "modernidade tardia" (HALL, 2005, p. 14). De acordo com o autor, as sociedades contemporâneas são espaços de mudanças constantes, rápidas e permanentes. Giddens enfatiza a interconexão entre diferentes locais geográficos como fator de transformação da natureza das instituições modernas, assim como a reestruturação das relações sociais ao longo de "escalas indefinidas de espaço e tempo" (GIDDENS APUD HALL, 2005, p. 15). Já Laclan, utilizando o conceito de "deslocamento" (LACLAN APUD HALL, 2005, p. 16), aponta a ausência de um único centro de estruturação ou articulação nessas sociedades.

As sociedades da modernidade tardia, argumenta ele, são caracterizadas pela "diferença"; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes "posições de sujeito" - isto é, identidades - para os indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. Mas essa articulação é sempre parcial: a estrutura da identidade permanece aberta. (LACLAN APUD HALL, 2006, p. 17).

O próprio Stuart Hall (2005), nega a ideia de identidade como um conceito que está associado a um sujeito permanente, que é e será sempre o mesmo, idêntico, ao longo do tempo. Propõe, ao contrário:

Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (HALL APUD SILVA, 2014, p. 108).

Em seu ensaio sobre a produção social da identidade e da diferença, Silva (2014) discursa sobre essas duas noções, desconstruindo a concepção de identidade como uma positividade, como “aquilo que se é”, e introduzindo a concepção da diferença numa relação de estreita dependência com a primeira (SILVA, 2014, p. 74). Dessa forma, as afirmações sobre identidade estariam em estreita dependência com as declarações de diferença, e vice-versa. Emergindo como resultado de um processo de produção simbólica e discursiva, a diferenciação identitária está sujeita a vetores de força, ou relações de poder (SILVA, 2014, p. 81). Isso significa que as práticas de classificação e ordenação do mundo social estão intrinsecamente conectadas com processos de hierarquização.

Interessa-nos aqui o processo de normalização, que consiste na eleição de uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual todas as outras são avaliadas. A força homogeneizadora da identidade “normal” implica na sua aceitação como “natural, desejável, única” (SILVA, 2014, p. 83).

Inseridos nessa disputa de poder estão as forças subversivas, que exercem um movimento contrário à fixação de uma identidade homogênea e hegemônica. A teoria cultural contemporânea tem dado lugar de destaque aos movimentos subversores da ordem. Silva aponta que, na medida em que a identidade pode ser entendida como um processo de diferenciação, o “anormal” pode ser considerado parte integrante da definição do normal.

A definição daquilo que é considerado aceitável, desejável, natural é inteiramente dependente da definição daquilo que é considerado abjeto, rejeitável, antinatural. A identidade hegemônica é permanentemente assombrada pelo seu Outro, sem cuja existência ela não faria sentido. Como sabemos desde o início, a diferença é parte ativa da formação da identidade. (SILVA, 2014, p. 84).

Partindo da concepção de que as identidades são construídas de dentro e não de fora de um discurso (HALL APUD SILVA, 2014, p. 109), compreende-se a relevância dos locais institucionais específicos no interior dos quais práticas discursivas específicas foram iniciadas. Considera-se, então, que a identidade de um grupo é composta essencialmente de um discurso, entendido aqui como “um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2005, p. 51). Apesar de estar associado à ideia de unificação, um grupo cultural é atravessado por marcantes diferenças e divisões internas, que são representadas como uma unidade devido ao emprego do poder de um dispositivo discursivo.

5 CULTURAS JUVENIS E VISUALIDADE NO CIBERESPAÇO

A antropologia, assim como as produções audiovisuais, pode ser entendida tanto como forma de pesquisa quanto como forma de representação de saberes. As relações estreitas entre essas duas áreas de conhecimento foram apontadas por Zoetl (2011), ao se reportar à linguagem do cineasta-antropólogo individual e à antropologia visual como disciplina e forma de expressão científica. Já em seu artigo sobre a produção de Rouch, Hikiji associa os processos visuais inseridos no campo da antropologia com fenômenos sensoriais, corporais.

As análises aqui propostas abordam duas questões fundamentais à área: a realização de etnografias em meios virtuais, e a questão da visualidade na antropologia. Nesse ponto, é fundamental observar que o Ciberespaço, mais que um vigoroso dispositivo de comunicação, é tam-

bém um espaço de sociabilidade. Le Breton (2009) enfatiza a repercussão social, cultural, científica e política provocada pela emergência do virtual, marcada pela construção de um novo paradigma da relação do homem com o mundo.

Goldman (2008, p.06) define antropologia como:

[...] cartografia de territórios existenciais reais e/ou em vias de existir – desde de que entendamos por território o conjunto dos projetos ou das representações sobre as quais vão se desenvolver pragmaticamente uma série de comportamentos, de investimentos, no tempo e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos.

Desse modo, é possível reconhecer a fundamental importância da investigação dos desenvolvimentos narrativos, percepções visuais, panoramas sonoros e códigos textuais (CANEVACCI, 2005, p. 173) fornecidos pela mídia virtual, com o objetivo de compreender a rede de códigos simbólicos que atua nesse meio. Considero, aqui, o Ciberespaço como um “mecanismo de representação visual”, tomando a definição de Hall, que descreve tais mecanismos como ações coletivas por meio das quais as comunidades e grupos sociais outorgam sentido ao mundo (HALL APUD CAMPOS, 2010, p. 117).

Campos (2010) assinala, também, que as representações estão profundamente ligadas aos discursos por meio dos quais conferimos significados às nossas práticas. Mais especificamente em relação à representação visual, o autor aponta a existência de determinadas convenções, instrumentos, técnicas, tecnologias e medias que originam linguagens precisas e idiomas bem específicos.

Inserindo Hebdige (1979) na discussão, temos ainda os conceitos de apropriação e reconfiguração de objetos cotidianos e práticas triviais que, se analisados em sua dimensão simbólica, revelam um duplo-significado. Seguindo esse raciocínio, observa-se que a circulação de imagens de violência (facilitada pela evolução das tecnologias audiovisuais e digitais) pode ter sua atuação analisada

de forma semelhante, a partir do reconhecimento do poder da visualidade como um recurso à disposição do indivíduo, a ser aplicado de forma estratégica na construção identitária pessoal e coletiva, assim como em vínculos socioculturais, atuando como dispositivo utilizado com o intuito de provocar, chocar, questionar o pensamento hegemônico e desafiar o poder (CAMPOS, 2010, p. 115).

Em tempos de fluidez e instabilidade, mutabilidade e porosidade das identidades (CAMPOS, 2010, p. 116), as produções imagéticas estão associadas tanto a jogos de prazer e hedonismo quanto a comprometimentos ideológicos. No caso particular das produções audiovisuais veiculadas no meio virtual, deparamo-nos com uma imagem “híbrida, mutante e fragmentada” (CAMPOS, 2010, p. 116), agente de ações coletivas e individuais, atuantes tanto como causa quanto como efeito dos fenômenos sociais.

Discursando sobre as culturas juvenis contemporâneas, Campos (2010) defende que a problemática da imagem – enquanto veículo de comunicação e representação do mundo – e da visualidade são centrais para a compreensão da formação das identidades pessoais e coletivas, e dos universos simbólicos e ideológicos.

Em *Subcultura: El significado del estilo* (1979), Dick Hebdige, voltando-se para o estudo das subculturas juvenis surgidas no Reino Unido depois da Segunda Guerra Mundial, explora o alcance simbólico dos aspectos visuais que compunham o estilo desses sujeitos. Na obra do autor, o “estilo” é concebido como uma expressão ordenada, coerente e organizada de valores, a partir da qual se expressa uma forma de “resistência à ordem”, manifestação inserida numa luta mais ampla pela hegemonia da significação.

A partir das perspectivas levantadas por Hebdige (e, num panorama mais geral, pelas pesquisas do *Center for Contemporary Cultural Studies* – CCCS), representadas pelas noções de subversão, resistência cultural e contra-hegemonia, é possível analisar a questão da produção e veiculação de imagens de violência nas redes sociais.

Apropriando-se da ideia de “condutas extremas” trabalhada por Le Breton, que consistem em condutas de risco, nas quais a integridade do corpo é posta em jogo, e tomando tais vídeos como documentos culturais, é possível traçar um panorama simbólico referente a esse grupo específico de jovens internautas – referindo-se, aqui, à categoria de jovem que se estende sem tempo, sem limitar-se a faixas etárias (CANEVACCI, 2005, p. 20).

Ao analisar condutas de risco, Le Breton apresenta uma perspectiva segundo a qual o corpo seria considerado a fonte de sofrimentos que bloqueiam a vontade de viver. Para corroborar com essa visão, o autor cita Nietzsche (APUD LE BRETON, 2011, p. 7): “*Quería vivir, por esta razón debía morir*”. Dessa forma, a análise dos impulsos destrutivos voltados contra o corpo revela uma postura recorrente na sociedade contemporânea, o “extremo contemporâneo” (LE BRETON, 2009), termo associado a condutas que envolvem considerável risco de morte. Uma abordagem do corpo a partir da reflexão sobre a produção e circulação de imagens de violência no espaço cibernético apresenta-se como uma possibilidade interessante de compreender a transmutação dos valores sociais contemporâneos, e de que forma essas mudanças afetam a construção da identidade do grupo representado pelos jovens internautas.

6 ESPAÇOS VIRTUAIS E MECANISMOS DE REPRESENTAÇÃO

Os espaços são conceitos identitários do contexto social no qual estão inseridos. O espaço cibernético possui uma linguagem própria, e um caráter fragmentado que se constrói por meio do cruzamento de milhões de computadores, diálogos e identidades. A investigação dos desenvolvimentos narrativos, percepções visuais, panoramas sonoros e códigos textuais (CANEVACCI, 2005, p. 173) da mídia virtual fornece pistas sobre a rede de códigos simbólicos que atua nesse meio.

O conceito de Ciberespaço aqui utilizado é baseado na compreensão de Segata (SEGATA APUD SANTOS, 2013, p. 70), que o entende como um espaço social, e não apenas como um meio de comunicação. Apropriando-se, também, da concepção de Guimarães (1999), o Ciberespaço pode ser descrito como um *Locus* criado pelas comunicações mediadas por computador, tendo como sua principal manifestação contemporânea a Internet. De forma semelhante ao mundo físico, esse mundo virtual, também, é composto por territórios fragmentados, cada qual dotado de um simbolismo específico, construído e estabelecido por meio das práticas que nele se executam.

O espaço cibernético e as relações que nele se efetivam marcam o surgimento de novos paradigmas, relacionados à construção de novos conceitos simbólicos fundamentais, tanto da relação do homem com seu corpo, quanto da relação do homem com os meios de comunicação. Outro tipo de abordagem pode servir como guia para a análise do objeto aqui exposto. Os estudos “pós-subculturais” (WEINZIERL e MUGGLETON APUD CAMPOS, 2010), mais recentes, reconhecem o poder da estética e da visualidade como um recurso à disposição do indivíduo, a ser aplicado mais de forma estratégica na construção identitária pessoal (ou coletiva) do que em vínculos socioculturais de natureza estrutural.

Esta leitura do uso da imagem e da visualidade na juventude está em consonância com uma profunda reavaliação da natureza dos vínculos sociais e da construção identitária na contemporaneidade. O caráter mais fluido e instável dos laços, a mutabilidade e porosidade das identidades, a reflexividade da vida social, a centralidade do consumo e a crescente estetização do cotidiano conduzem a novos usos e adaptações dos recursos imagéticos. (CAMPOS, 2010, p. 116).

Inseridas nesse contexto, as opções estilísticas estariam, então, mais associadas a um jogo estético, ao prazer e ao hedonismo, do que a um comprometimento ideológico – “uma imagem apolítica, híbrida, mutante e fragmentada” (CAMPOS, 2010, p. 116). Levando-se em conta tanto a visão *subcultural* quanto a visão *pós-subcultural*, e evitando determinismos,

pode-se conceber a representação visual como um agente de ações coletivas e individuais, que atua tanto como causa quanto como efeito dos fenômenos sociais (CAMPOS, 2010, p. 118). Apesar de reconhecer-se que cada tipo de representação (representada por um grupo social que a produz), possui dispositivos e linguagens próprios, sendo relativamente autônomos, seria ingênuo desconsiderar suas contribuições para a modelação do contexto social mais amplo.

Da parte daqueles que detêm os dispositivos, o poder e a legitimidade para ilustrar a realidade, deparamo-nos com interesses, objetivos e funções diferenciadas, historicamente contextualizadas, que são acompanhadas por alterações significativas nas convenções pictóricas, textuais e nas tecnologias utilizadas. (CAMPOS, 2010, p. 119).

Situando tanto o indivíduo quanto os grupos numa sociedade, nos deparamos com conceitos como identidade e representação, que não podem ser dissociados. Os circuitos de produção, difusão e consumo de significados (aqui abordados, especificamente, no meio virtual) são processos derivados de determinados *mecanismos de representação*. Compreende-se esse termo, aqui, como ações coletivas por meio das quais os grupos sociais concedem sentido ao mundo (HALL, 1996). Estando sempre vinculados a discursos (entendidos como sistemas de comunicação e significação), os mecanismos de representação visuais refletem visões de mundo, ou estilos de vida.

De acordo com Campos (2010, p. 119), "a identidade vive das fórmulas de representação, pois é assim que se exprime, se manifesta socialmente, servindo como matéria de comunicação".

Numa sociedade na qual a visualidade consolida-se como hegemônica diante dos outros sentidos, o processo de circulação de imagens de violência atua como mecanismo importante na construção da identidade do indivíduo. Os grupos juvenis têm utilizado a visualidade como campo principal de afirmação identitária, por meio de práticas que, muitas vezes, envolvem o corpo. Entre manifestações como modificações corporais, adornos, vestuário, estão

também as diversas formas de exposição do corpo a partir de imagens reprodutíveis, especialmente no território da Internet.

Como já exposto, nas sociedades contemporâneas, o corpo é compreendido como um objeto transitório, passível de construção e manipulação. Canevacci (2005) aponta que a concepção naturalista de corpo foi progressivamente substituída por possibilidades de articulação com elementos externos. Pode-se adotar, nesse contexto, uma visão do corpo como artefato que, de forma análoga aos objetos simbólicos trabalhados na obra de Hebdige, é dotado de significado e ao qual é atribuída a função de forjar uma identidade que represente o indivíduo diante dele mesmo e dos outros.

O olhar dos outros, reflectido nas enunciações daqueles que nos são próximos ou expresso nos numerosos *mass media* (televisão, cinema, publicidade, jornais, etc.), funciona como um espelho que nos leva a configurar a imagem que temos de nós (enquanto indivíduos singulares ou membros de algum grupo ou comunidade). (CAMPOS, 2010, p. 119).

7 CONCLUSÃO

Propus-me, ao longo desse artigo, desenvolver uma análise introdutória sobre o papel crucial das produções audiovisuais que veiculam imagens de violência no mundo virtual. A partir do momento em que se compreende a sociedade contemporânea como intensamente dependente da visualidade e dos mecanismos tecnológicos, torna-se fundamental o empenho em estudos que englobam tais temas, especialmente quando o grupo social abordado é composto por comunidades juvenis.

Apropriando-se da concepção de Machado (APUD CAMPOS, 2010, p. 129) sobre a natureza dos fenômenos visuais, é possível e desejável os encararmos como objeto e método de pesquisa. A linha de pesquisa sugerida procurou abordar as dinâmicas de representação visual, detentora de recursos e linguagens próprios, e

a forma por meio da qual os jovens internautas as manipulam durante o processo de produção cultural de natureza visual.

A própria escolha do tema deixa claro o repúdio pela ideia de que os jovens seriam apenas consumidores passivos das imagens veiculadas pela mídia. Ao contrário, acredita-se que esses indivíduos e grupos atuam como importantes inventores dos códigos simbólicos que regem a visualidade no cotidiano. Como mecanismo de representação, as produções videográficas caseiras com imagens de violência podem ser analisadas como dispositivo questionador de um sistema simbólico hegemônico, assim como expediente forjador de identidades pessoais e grupais.

Devemos reequacionar a expressão visual enquanto forma de resistência eminentemente política tal como foi romantizada pelos autores do CCCS, que concebiam as subculturas como emancipadas das estruturas midiáticas, mas devemos igualmente ponderar a pertinência da manifestação visual enquanto expediente essencialmente apolítico, lúdico e narcísico, seriamente dependente dos *media* e do mercado, como foi sendo retratada pelos estudos

pós-subculturais e pelas abordagens pós-modernas. (CAMPOS, 2010, p. 130).

Inserido na performance da visualidade, o corpo – e todo o leque de manipulações ao qual é submetido – evoca, portanto, os conceitos de identificação e diferenciação, além de possibilidades de mobilização política. O interesse pela violência pode não se limitar a um “jogo de prazer e performance” (CAMPOS, 2010, p. 131), mas se fixar como um importante recurso de subversão, a partir do momento que implica na desordem das estruturas de sentido hegemônicas associadas ao corpo e à morte. Inserido no contexto no Ciberespaço, o fio condutor que perpassa pelo corpo, pela violência e pelas imagens reprodutíveis fornece pistas substanciais sobre esse indivíduo fragmentado, forjador de múltiplas identidades.

A Internet é, neste contexto, recurso vigoroso para a capacitação e mobilização política de atores, convertendo as redes virtuais e os dispositivos audiovisuais em sustentáculos de comunicação e ativismo, como parecem confirmar as múltiplas subculturas virtuais ou a eficaz mobilização política registrada em determinados contextos. (CAMPOS, 2010, p. 131).

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- CAMPOS, Ricardo. **Juventude e visualidade no mundo contemporâneo: uma reflexão em torno da imagem nas culturas juvenis**. Sociologia, Problemas e Práticas, 63, 2010.
- CANEVACCI, Massimo. **Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópolis**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- COGO, Denise; BRIGNOL, Liliane. **Redes sociais e os estudos de recepção na internet**. Matrizes, 2011.
- GOLDMAN, Marcio. **Os tambores do antropólogo: antropologia pós-social e etnografia**. Ponto Urbe, NAU-USP, Ano 2, v.30, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HEBDIGE, Dick. **Subcultura: el significado del estilo**. Barcelona: Paidós, 1979.

HIKIJ, Rose Satiko. **Imagem violência – mimesis reflexividade em alguns filmes contemporâneos**. Dissertação (Mestrado) – PPGASUSP, São Paulo, 1998. **Humano e familiar**. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,EDR71897-5856,00.html>>. Acesso em: 1 mar. 2015.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. São Paulo: Papirus, 2009.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

LE BRETON, David. **Conductas de riesgo: de los juegos de la muerte a los juegos de vivir**. Buenos Aires: Topía, 2011.

MAMONAS ASSASSINAS. **Necrology – Human Deaty**. Domingo, 21 de setembro de 2008. Disponível em: <<http://mortehumana.blogspot.com.br/2008/09/mamonas-assassinadas.html>>. Acesso em 6 de mar. 2015:

MARCON, Frank Nilton. **Identidade e estilo em Lisboa: Kuduro, juventude e imigração africana**. **Cadernos de Estudos Africanos** (on-line), 24, 2012.

MORTOS FAMOSOS – Necrofilia da Arte. Monday, August 8, 2011. Disponível em: <<http://mortosfamosos.blogspot.com.br/2011/08/fotos-dos-mamonas-assassinados-mortos.html>>. Acesso em 15 de mar. 2015.

PERSICHETTI, Simonetta; PONTES, Diego Luciano. **A estética como ferramenta de análise das fotografias de James Nachtwey**. In: BONI, Paulo César (Org.). **Fotografia: usos, repercussões e reflexões**. Londrina: Midiograf, 2014.

RABINOW, Paul. **Antropologia da razão: ensaios de Paul Rabinow**. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 1999.

RITCHIN, Fred. **O futuro do fotojornalismo**. Disponível em: <<http://www.uel.br/ceca/spg/fotografia/artigos.htm>>. Acesso em: 1 mar. 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **O nativo relativo**. *Mana*, 8, 2002.

WAGNER, Roy. **The Invention of Culture**. Chicago: The University of Chicago Press, 1981.

Recebido em: 02/04/2014

Avaliado em: 04/04/2014

Aceito em: 19/06/2015
